

# Assembleia Geral

21 de julho - 15h  
terça-feira

Ginásio de Basquete da Escola de Educação Física e Desportos (EEFD) da UFRJ - Ilha do Fundão.

Pauta:

- 1) Informes;
- 2) Greve nacional dos docentes federais:
  - avaliação e propostas
  - mobilização na UFRJ

- 3) 60º CONAD (Conselho do Andes-SN);
  - propostas e delegação da Adufrj-SSind
- 4) Assuntos gerais.

[www.adufrj.org.br](http://www.adufrj.org.br)

Movimento

SPF FAZEM

MARCHA

A BRASÍLIA

Página 4

Jornal da Seção Sindical dos Docentes da UFRJ

# AdUFRJ

SEÇÃO SINDICAL

Andes-SN Central Sindical e Popular - Conlutas

Ano XIV nº 896 20 de julho de 2015

Tá difícil

GREVE: A CRISE

DO CURSO DE

DANÇA

Página 5

## GREVE DA EDUCAÇÃO

Macarena Lobos - 16/07/2015



Segmentos da universidade protestam na rua

# UFRJ ocupa a Cinelândia

A Cinelândia, histórico reduto de manifestações políticas na cidade, viveu uma tarde/noite para não esquecer na quinta-feira, 16. A praça foi ocupada por professores, estudantes e técnicos em greve da UFRJ num protesto contra o corte de verbas na educação. Página 8 e caderno Greve 2015 - Imagens

Samuel Tosta - 16/07/2015



Aulas públicas, oficinas e intervenções artísticas mudaram a paisagem do Centro

Macarena Lobos - 16/07/2015



Declaração recente do ministro da Educação não foi perdoada

## Déficit da UFRJ pode chegar a R\$ 300 milhões em 2015

O número foi anunciado pelo reitor Roberto Leher, que se reuniu com o Comando Local de Greve na sexta-feira 17. Por orientação do Comando Nacional de Greve, CLG das IFE devem procurar os respectivos reitores para cobrar a apresentação dos impactos do corte orçamentário. Página 3

## SEGUNDA PÁGINA



## Protesto na ponte

Um ato simbólico marcou na tarde de quarta-feira, 15 de julho, a greve contra os cortes na educação na UFRJ. Professores, técnicos e estudantes transformaram a fixação de faixa na lateral da Ponte do Saber, sobre a Linha Vermelha, em mais uma manifestação de denúncia dos ataques que colocam a universidade pública como alvo. “UFRJ contra o corte na educação” é o conteúdo da faixa exposta aos motoristas que se dirigem ao Centro.

Fotos: Samuel Tosta - 15/07/2015



**Trabalho de fixação** da faixa foi antecedido por um ato de estudantes, professores e técnicos-administrativos



## Moção de repúdio do CFCH

O Conselho do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) da UFRJ, reunido ao dia 6 de julho de 2015, em sua sessão de nº 776, vem reafirmar o lugar da Universidade e, em particular da UFRJ, como um espaço de produção, agregação e socialização de uma multiplicidade de saberes, cuja riqueza está diretamente relacionada à pluralidade e à diversidade de ideias e pessoas que a constituem.

Por isso, tendo em vista os últimos acontecimentos em espaços acadêmicos da UFRJ ou envolvendo seu corpo social, vimos repudiar enfaticamente toda e qualquer forma

de violência, opressão, discriminação negativa e desrespeito, desde as mais explícitas até as mais sutis, por ações ou palavras, sejam elas de gênero, raça/cor/etnia, situação social, orientação sexual, opção religiosa, regional, de faixa etária ou outros tipos de manifestações dessa natureza.

Nesse sentido, apoiamos as ações efetivas que visem a denunciar e a combater essas formas de opressão que atentam contra a universidade como um espaço plural, diverso, democrático, crítico e inclusivo.

**Conselho de Coordenação do CFCH/UFRJ**

## Jurídico: plantões às sextas-feiras

Os plantões jurídicos da Adufrj-SSind, além das quartas-feiras (de 13h às 16h), também ocorrem às sextas-feiras (só que a cada duas semanas, de 10h ao meio-dia). Em julho, este recém-criado atendimento ocorreu no último dia 10 e voltará no dia 24. Para agendar um horário nos plantões, é só ligar para os números: 3884-0701, 2260-6368 ou 2230-2389.

## Cartas

Prezados,  
Na nota “Novos presidentes das comissões” dentro do artigo sobre a sessão do Consuni, na página 7 (**Nota da Redação: do Jornal nº 895**), está escrito que foram eleitos os novos presidentes da CLN e da CET. Na verdade, foram eleitos novos membros para as comissões para o lugar dos que saíram. Os presidentes das comissões são eleitos internamente dentro das comissões e, inclusive, a professora Maria Malta não era presidente da CET.

Atenciosamente,  
**Bruno Souza de Paula**

Para comentar temas das reportagens do **Jornal da Adufrj**, os interessados podem enviar contribuições para o endereço eletrônico [comunica@adufjr.org.br](mailto:comunica@adufjr.org.br). Os textos enviados, por causa da limitação de espaço, poderão ser resumidos aos seus trechos mais relevantes.

## Correções

■ Na matéria “Pós-graduação em crise” do **Jornal da Adufrj** nº 893 (de 29 de junho), foi informado que “muitos programas de nível 4 e 5

pagam bolsas aos seus estudantes especialmente com recursos Proex”. As verbas Proex são voltadas apenas para cursos com notas 6 e 7.

## SEÇÃO SINDICAL DOS DOCENTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO DO SINDICATO NACIONAL DOS DOCENTES DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR

**Sede e Redação:** Prédio do CT - bloco D - sala 200 Cidade Universitária CEP: 21949-900 Rio de Janeiro-RJ Caixa Postal 68531 CEP: 21941-972 Tel: 2230-2389, 3884-0701 e 2260-6368

**Diretoria da Adufrj-SSind** Presidente: Cláudio Ribeiro 1º Vice-Presidente: Luciana Boiteux 2º Vice-Presidente: Cleusa Santos 1º Secretário: José Henrique Sanglard 2º Secretário: Romildo Bomfim 1º Tesoureiro: Luciano Coutinho 2º Tesoureira: Regina Pugliese  
**CONSELHO DE REPRESENTANTES DA ADUFRJ-SSIND** Colégio de Aplicação Renata Lúcia Baptista Flores; Maria Cristina Miranda Escola de Serviço Social Mauro Luis Iasi; Luis Eduardo Acosta Acosta; Henrique Andre Ramos Wellen; Lenise Lima Fernandes Faculdade de Educação Claudia Lino Piccinini; Andrea Pentead de Menezes; Alessandra Nicodemos Oliveira Silva; Filipe Ceppas de Carvalho e Faria Escola de Comunicação Luiz Carlos Brito Paternostro Faculdade de Administração e Ciências Contábeis Antônio José Barbosa de Oliveira Instituto de Economia Alexis Nicolas Saludjian Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional Cecília Campello do Amaral Mello Faculdade Nacional de Direito Mariana Trotta Dallalana Quintans; Vanessa Oliveira Batista Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Eunice Bomfim Rocha; Luciana da Silva Andrade; Sylvania Meimaridou Rola; André Orioli Parreiras Escola de Belas Artes Patrícia March de Souza; Carlos de Azambuja Rodrigues Faculdade de Letras Gumerinda Nascimento Gonda; Vera Lucia Nunes de Oliveira Escola de Educação Física e Desportos Luis Aureliano Imbiriba Silva; Alexandre Palma de Oliveira; Marcelo Paula de Melo; Michele Pereira de Souza da Fonseca Escola de Enfermagem Anna Nery Walcyr de Oliveira Barros; Gerson Luiz Marinho Escola Politécnica José Miguel Bendrao Saldanha; Eduardo Gonçalves Serra Coordenador de Comunicação Luiz Carlos Maranhão Editor Assistente Kelvin Melo de Carvalho Reportagem Silvana Sá e Elisa Monteiro Projeto Gráfico e Diagramação Douglas Pereira Estagiária Samantha Su Tecnologia da Informação: Renato Souza Tiragem 4.100 E-mails: [adufjr@adufjr.org.br](mailto:adufjr@adufjr.org.br) e [secretaria@adufjr.org.br](mailto:secretaria@adufjr.org.br) Redação: [comunica@adufjr.org.br](mailto:comunica@adufjr.org.br) Cadernos Adufrj: [revista@adufjr.org.br](mailto:revista@adufjr.org.br) Diretoria: [diretoria@adufjr.org.br](mailto:diretoria@adufjr.org.br) Conselho de Representantes: [conselho@adufjr.org.br](mailto:conselho@adufjr.org.br) Página eletrônica: <http://www.adufjr.org.br>

Os artigos assinados não expressam necessariamente a opinião da Diretoria.

## UFRJ

# Previsão de déficit até o fim de ano: R\$ 300 milhões

Em reunião com o Comando local de greve dos professores, reitoria apresenta número preocupante do orçamento

## Presidente da Adufrj-SSind questiona contratação docente via OS

**Elisa Monteiro**

elisamonteiro@adufrj.org.br

No último dia 17, o Comando Local de Greve dos professores reuniu-se com a reitoria. O encontro cumpriu deliberação do Comando Nacional de Greve do Andes-SN com o objetivo de recolher dados qualificados dos cortes orçamentários e pressionar as reitorias a defender o caráter público da universidade perante o MEC.

E a situação não está nada boa na UFRJ: de acordo com projeção apresentada pela administração central, o déficit da universidade pode bater a casa dos R\$ 300 milhões até o final do ano. “Isso contando com o orçamento cheio, sem cortes”, frisou o reitor Roberto Leher.

No encontro, o movimento docente apresentou um conjunto de preocupações da agenda nacional. E também foram cobradas soluções a problemas enfrentados pela UFRJ. Cláudio Ribeiro, presidente da Adufrj-SSind, questionou, por exemplo, a proposta governamental de substituição dos concursos públicos para do-

centes pela contratação via Organizações Sociais. O diretor da Seção Sindical falou sobre a precarização das condições de trabalho e estudo, destacando os atrasos nos pagamentos de terceirizados. A ausência de um programa de assistência estudantil eficaz e as obras inacabadas dos campi da UFRJ também foram pontuadas.

A partir de levantamento feito junto às unidades, a reitoria indicou suas “prioridades”: serão as obras que se encontram em fase final e aquelas relacionadas à assistência estudantil. A reforma das subestações elétricas é outra urgência para a administração da universidade. Segundo o reitor, em 2015, mesmo com a estabilidade de um padrão de consumo, as contas de luz dobraram, devido aos recentes aumentos na tarifa. “São fundamentais (as reformas) até para reduzir nosso gasto com energia” — ou seja, a universidade também perde recursos em função da política energética irresponsável do governo.

O reitor defendeu, ainda, a necessidade de atualização do Plano Diretor: “Precisamos de uma boa discussão que hierarquize nossa escala de prioridades. É muito ruim que alguns prédios sejam concluídos; outros, não, sem que a comunidade tenha conhecimento do porquê. Ou que se comece uma obra com recursos outros e, de

“  
Precisamos de uma boa discussão que hierarquize nossa escala de prioridades. É muito ruim que alguns prédios sejam concluídos; outros, não, sem que a comunidade tenha conhecimento do porquê

”

**Roberto Leher**  
Reitor da UFRJ

repente, nos vejamos obrigados a deslocar verbas da universidade para que sejam finalizados”.

## Assistência estudantil

Em relação à assistência estudantil, Leher relatou que, por ora, não houve cortes nas verbas do Plano Nacional de Assistência Estudantil (Pnaes). Ele afirmou que a UFRJ envidará todos os esforços para manter sua política interna. Segundo o dirigente, na proposta de gastos (emergenciais) entregue ao MEC, houve a solicitação de acréscimo de R\$ 1 milhão para criação de mais 80 bolsas de auxílio permanência.

Sobre concursos, Leher disse compartilhar das preocupações do movimento docente. Segundo o dirigente, embora as manifestações do governo favoráveis à implantação, na universidade, do sistema de contratação via OS não tenham tido prosseguimento, ainda há riscos. E, em sua avaliação, entre os reitores, não há consenso contrário à proposta. Leher observou que atualmente só há concursos de reposição, por meio banco de professor equivalente. Mas disse também estar particularmente atento à oferta de vagas para reduzir o contingente de substitutos de forma geral, mas reconhecendo que deve

haver um foco especial para a educação básica da UFRJ, no Colégio de Aplicação e na Escola de Educação Infantil. Integrantes destas unidades fizeram falas específicas, reforçando elementos da pauta nacional do Andes-SN para os professores da carreira EBTT.

## Demandas dos cursos novos

O reitor ouviu representantes de cursos novos. Além das debilidades de infraestrutura, eles fizeram críticas ao pouco reconhecimento institucional, tanto acadêmico quanto político. “Esse desprestígio do qual sofremos se reflete nas representações da administração”, apontou Sérgio Andrade (Dança). Já a Terapia Ocupacional observou que, a despeito de todo esforço do corpo docente, as novas iniciativas são prejudicadas nas aferições do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes) por falta de espaços adequados, como gabinetes de professores, acervo bibliográfico e afins.

A reitoria comprometeu-se a encaminhar os relatórios consolidados do orçamento para o Comando Local de Greve. Será construída uma agenda de reuniões que deverá se iniciar em duas semanas, após a consolidação da pauta local que o CLG vai sistematizar com as unidades da UFRJ.

Elisa Monteiro - 17/07/2015



**Administração** central recebeu o comando local de greve dos professores para discutir os problemas financeiros e de infraestrutura da universidade

## GREVE 2015

# SPF fazem Marcha a Brasília

Manifestação tem o objetivo de pressionar governo a negociar a pauta unificada dos servidores públicos

**Atividade está marcada para este dia 22**

As entidades que compõem o Fórum das Entidades Nacionais dos Servidores Públicos Federais (SPF) realizam, nesta quarta-feira (22), a Marcha a Brasília. O objetivo é pressionar o governo por negociações efetivas da pauta unificada protocolada pelo Fórum dos SPF. A expectativa é reunir milhares de manifestantes na Esplanada dos Ministérios, na capital federal.

Segundo André Guimarães, diretor do Andes-SN, que participou da última reunião do Fórum para organização da atividade, “a expectativa é que, com essa marcha, a gente tenha um reforço, na nossa campanha salarial, de pressão junto ao governo”.

Guimarães explica que na última audiência entre o Fórum dos SPF e o secretário de Relações do Trabalho do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão

(SRT/MPOG), Sérgio Mendonça, o representante do governo insistiu na proposta de reajuste parcelado, em quatro anos, que desconsidera as reivindicações apresentadas. Diante da recusa dos servidores e pressão da categoria, Mendonça se comprometeu em agendar nova reunião até este dia 21 de julho, para apresentar uma proposta aos SPF.

O diretor do Sindicato Nacional destaca que a proposta de reajuste, rechaçada pelas diversas categorias do funcionalismo federal, não dialoga com a pauta do Fórum dos SPF e ainda promove o confisco do salário dos servidores federais, uma vez que ignora as perdas acumuladas (2010-2015) e até mesmo a inflação prevista para os próximos quatro anos.

“O governo tem ignorado outros elementos que precisam ser tratados na mesa, como a questão da data-base, em 1º de maio, o reajuste dos benefícios, a paridade e isonomia entre ativos e aposentados, por exemplo”, disse.

Guimarães ressalta que a Marcha deve ocorrer após a reunião com o governo, caso a SRT/MPOG mantenha o compromisso de receber o Fórum dos SPF até o dia 21. “Será uma demonstração da disposição de luta dos servidores, cujas categorias já estão paralisadas em diversas áreas ou em processo de construção, na perspectiva de uma greve unificada do funcionalismo federal, exatamente diante da insatisfação com a ausência de negociação por parte do governo”, completa.

Ele citou como exemplo as entidades que compõem o Fórum dos SPF e que já estão em greve: o Andes-SN (com 41 Seções Sindicais em greve até o fechamento desta edição), a Fasubra, o Sinasefe, a Fenasps (Saúde e Previdência), a Fenajufe (Judiciário e MPU). Estão com indicativo de greve para as próximas semanas a Asfoc (servidores da Fio-cruz) e Condsef. (Fonte: Andes-SN. Edição: Adufrj-SSind)

## Professores e técnicos dialogam com senadores

Andes-SN - 15/07/2015

Docentes e técnicos-administrativos federais (TAE) participaram, dia 15, de uma audiência pública na Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa do Senado solicitada pela Fasubra, intitulada “Valorização da Educação e dos Trabalhadores de Educação”, para discutir as condições de trabalho dos servidores das instituições públicas de ensino. Além da Federação dos técnicos, Andes-SN e Sinasefe estiveram à mesa.

A audiência, convocada pelo senador Paulo Paim, buscou sensibilizar os parlamentares sobre a situação crítica que as greves das respectivas categorias revelam.

Rogério Marzola, da coordenação da Fasubra, criticou a prioridade dada pelo governo à abertura de vagas no ensino superior privado. Marzola destacou que o ensino público recebe apenas 3% do total dos investimentos orçamentários federais e, mesmo assim, é o que mais

sofre com o contingenciamento de recursos enquanto bilhões continuam a ser destinados para juros e amortização da dívida pública do governo, que responde por cerca de 47% do Orçamento da União.

Paulo Rizzo, presidente do Andes-SN, disse que esta é, sem dúvida, a mais grave crise que a instituição pública de ensino brasileira já viveu. “Não adianta disfarçar os números. Está havendo um esforço do governo, e por parte de alguns reitores, em demonstrar que está tudo bem. Se as instituições não pararem pela greve, elas vão parar por inanição. As instituições hoje não têm condições de começar o segundo semestre, pois não há recursos”, lamentou. O Sindicato Nacional deflagrou greve no dia 28 de maio. Na pauta central das reivindicações, está a defesa do caráter público da universidade e a luta por mais financiamento na educação pública. “Mais de 50% das vagas do ensino supe-



**Ato no Senado** contou com professores e técnicos

rior privado contam com algum subsídio estatal. E por que ainda temos a universidade pública e gratuita no país? Porque estudantes, docentes e técnicos lutaram muito nas últimas décadas na defesa da Educação Pública, que é um direito de todos e dever do Estado”, disse.

Shilton Roque dos Santos, da coordenação geral do Sinasefe, ressaltou que, com o montante das verbas destinadas aos programas Prouni e Fies, as

instituições públicas de ensino seriam capazes de ofertar uma educação de qualidade superior à já ofertada e para um número ainda maior de estudantes. “Estamos em luta em defesa da educação pública, gratuita e de qualidade”, disse.

### Resposta do MEC

Representando o Ministério da Educação (MEC), Dilvo Ristoff, diretor de Políticas e Programas, enalteceu

a expansão das instituições nos últimos dez anos, falou do aumento de investimentos em programas como o Prouni, Fies e Pnaes. Ristoff disse que o MEC pretende cumprir as metas estabelecidas pelo Plano Nacional da Educação (PNE) investindo na área, após cinco anos, 7% do Produto Interno Bruto (PIB) e, em dez anos, 10%. (Fonte: Andes-SN. Edição: Adufrj-SSind)

## CONDIÇÕES DE TRABALHO



**Mariana, Sérgio (ao centro) e Renato criticam as condições do curso: acima deles, na parte superior de um antigo ginásio de basquete transformado em área da Dança, pode ser vista uma das improvisadas "salas de leitura" dos alunos**

# Sem espaço e sem apoio

**Professores da Dança sofrem com a falta de salas. Também apontam que não existe reconhecimento institucional de suas atividades**

### Banheiros próximos estão fora de uso

**Elisa Monteiro**

elisamonteiro@adufrj.org.br

Os cursos de Licenciatura e de Teoria da Dança da UFRJ fazem parte das graduações criadas a partir da expansão universitária. Estão também entre os que aguardam, até hoje, pela prometida infraestrutura adequada. “Primeiro se falava em uma nova construção, que chegou a ser indicada para vários lugares diferentes. Depois, falou-se em reformar a casa de barcos (uma instalação nos fundos do prédio da Escola de Educação Física e Desportos)”, conta o professor Sérgio Andrade. “Acabamos dando aulas em três tendas montadas em áreas externas da EEFD por um tempo. E hoje estamos num corredor”.

Com aulas práticas que exigem intenso trabalho corporal, a Dança dispõe de pouquíssimos banheiros e bebedouros. Mariana Trotta, também docente do curso, conta que, no último ano, houve uma “epidemia” de inflamação urinária entre estudantes. “Eles prendem a urina direto. Os banheiros daqui estão sempre trancados, entupidos ou quebrados”, relatou. “Temos de atravessar o prédio para acessar um banheiro”. Segundo ela, a falta de água é um

problema constante. A má qualidade idem: “Para ser sincera, não tenho coragem de escovar os dentes aqui”.

O problema da precariedade da estrutura física, de acordo com os professores, já foi pior. “Salas abafadas em janeiro e alagadas em março, ventiladores pegando fogo”, conta Mariana. Renato Barreto lembra que os aparelhos de refrigeração comprados pelo Reun tiveram de aguardar “um bom tempo” até que se fossem adequadas as instalações elétricas, há anos sem manutenção. Sem novas salas, a alternativa para realização das classes foi “converter” quatro espaços voltados para aulas de teorias em dois de prática. Fixadas nas portas, as grades horárias estão lotadas. “Se você quiser fazer qualquer outro trabalho, simplesmente não tem onde”, mostra Mariana.

Não há sala (nem armários ou escaninhos) de professores. As reuniões de departamento, assim como as demais, são feitas no laboratório de Dança e Cinema. “Nunca reunimos os 45 (professores do departamento). Objetivamente, não temos onde colocar”, afirma Sérgio. As orientações são feitas em “salas de leituras” de estudantes, na verdade, baias (como as de operadores de telemarketing) erguidas em dois cantos improvisados.

Não há espaços de convivên-

cia. A biblioteca fica no prédio principal do Centro de Ciências da Saúde (CCS), do outro lado da rua. Sérgio observa que a situação do acervo melhorou: “Tínhamos apenas uma prateleira, hoje contamos com mais títulos”. No entanto, ressalta o prejuízo acadêmico. “O que eu gostaria mesmo era de poder fazer todo meu trabalho aqui e aqui construir uma referência de pesquisa para nossos estudantes”. Mariana frisa que práticas como “orientar aluno em casa” e adquirir e transportar equipamentos por conta própria são comuns: “Trago sempre meu *data show* porque não dá para trabalhar sem recurso audiovisual”.

A limitação espacial reduziu o projeto de expansão desde o início. De acordo com Sérgio, a meta inicial de 100 vagas por semestre caiu pela metade, “porque não havia onde pôr as pessoas”. Ainda assim, o impacto para os docentes foi imediato: “De repente, passei de turmas de 10 para até 60”, acrescentou Mariana.

### Desafio dos noturnos

A expansão da Dança foi realizada com oferta de vagas noturnas. Mariana destaca o perfil socioeconômico: “São alunos que trabalham durante o dia”. “E que dependem mais das políticas de assistência estudantil”, completa Sérgio. A realidade segundo o docen-

te, no entanto, é de aulas que começam depois e terminam antes da hora por causa do problema de transporte até o campus: “Trânsito para chegar e último horário de ônibus para voltar para casa”. A alternativa seria a moradia estudantil, mas a oferta de vagas está muito aquém da demanda. Até mesmo o restaurante universitário não acompanha o turno da noite, encerrando o atendimento às 20h.

Os professores explicam que, em função do horário entre 18h e 22h, é necessário ofertar disciplinas aos sábados para completar a carga horária do semestre. É um paliativo: “Muitos dos nossos alunos moram em regiões mais distantes, com aulas até tarde na sexta, a maioria prefere não cursar as matérias de sábado”, conta Sérgio. O resultado é que a graduação prevista para quatro anos acaba se estendendo por cinco ou cinco anos e meio.

Outra preocupação diz respeito à segurança. Foram exatamente da Dança os 25 alunos assaltados em um arrastão no ponto de ônibus da EEFD, ano passado. Há também queixas de sequestros-relâmpago. “A única solução apresentada pela reitoria foi colocar um carro da PM, quando vários de nós não concordamos com a presença da polícia no campus”, disse Sérgio.

### Ensaio sobre a cegueira

Para Mariana Trotta, a falta de apoio institucional é tão grave quanto as precárias condições de trabalho. “Os novos cursos, como o nosso ou o da Gastronomia, vieram para desafiar a universidade, para fazê-la se repensar para responder às demandas atuais da sociedade. Mas, às vezes, não sentimos o mínimo de reconhecimento”.

Na visão de Mariana, o tratamento “de segunda classe” transparece nas respostas aos pedidos de apoio e relatórios de atividades: “Produzimos igual a uns malucos e eu fico frustrada quando não consigo encaixar as atividades que realizo nos relatórios. Temos um problema sério com essa carreira onde se pontua por titulação ou por atividade administrativa. Temos um perfil próprio que não se enquadra. Se depender de dar aula na pós-graduação, por exemplo, nunca teremos professor Associado”, observou em relação a uma proposta de desenvolvimento na carreira rejeitada na UFRJ, inclusive por forte pressão da Adufrj-SSind.

Mariana recorda que, para concluir o doutorado (fora da UFRJ), parou de dançar e engordou 22 quilos. Sérgio destaca, ainda, o relativo “desprestígio” das atividades de extensão universitária, ponto forte do curso. “Desenvolvemos 21 projetos, enquanto escolas inteiras não chegam à metade disso”.

# Reforma no Palácio: cursos serão deslocados de forma provisória

Reunião com o reitor sobre o tema ocorre nos próximos dias

**Elisa Monteiro**

elisamonteiro@adufrj.org.br

A nova reitoria da UFRJ reuniu-se, dia 15, com parte da comunidade do campus da Praia Vermelha para tirar dúvidas a respeito das obras em andamento no Palácio Universitário e seu entorno. Como haverá necessidade de retirar as atividades acadêmicas e administrativas do prédio ainda neste segundo semestre, existe certo receio com a possibilidade de saída forçada dos cursos que já declararam não ter interesse em migrar para o Fundão, ainda durante a discussão do Plano Diretor (2009).

A administração central apresentou uma previsão geral de obra em três fases: restauração da totalidade da cobertura do Palácio e fachadas, aplicação de esquadrias, portas, janelas e afins e, finalmente, reforma elétrica e hidráulica. Apenas a primeira parte da reforma está prevista para durar três anos. Por um lado, foi indicado que as fases seriam interdependentes, não necessitando terminar uma para dar início à outra. Por outro, foi lembrado que, em se tratando de obras, prazos são sempre “indicativos”, sujeitos a atrasos.

Quanto à retirada das pesso-

as do prédio, a reitoria foi irrelevante. O diretor do ETU, Márcio Escobar, buscou justificar o esvaziamento como “questão de segurança e celeridade” da obra. Já o chefe de gabinete da reitoria, Agnaldo Fernandes, destacou a “necessidade de intervenção sobre a delicada situação de infraestrutura do Palácio com deslocamento das unidades (instaladas nele) para módulos temporários (contêineres)”. “As obras vão acontecer de qualquer maneira, isso não está em questão”, afirmou.

## Sem previsão de salas

De acordo com o projeto para o Palácio descrito no Plano Diretor, não há previsão de salas de aulas. O espaço seria convertido em uma espécie de centro cultural. Mas, segundo Márcio Escobar, do Escritório Técnico da Universidade (ETU), uma adaptação para garantir atividades de ensino ou auditórios é possível.

A administração central afirma que nenhuma unidade será obrigada a deixar o campus contra sua vontade e que também nenhuma ficará sem condições de funcionamento durante as obras. Mas quem esteve no encontro do último dia 15 teme que, após o fim deste trabalho, o retorno dos cursos ao prédio seja inviabilizado.

## Novo encontro com a reitoria

Um novo encontro com o próprio reitor, Roberto Leher, e

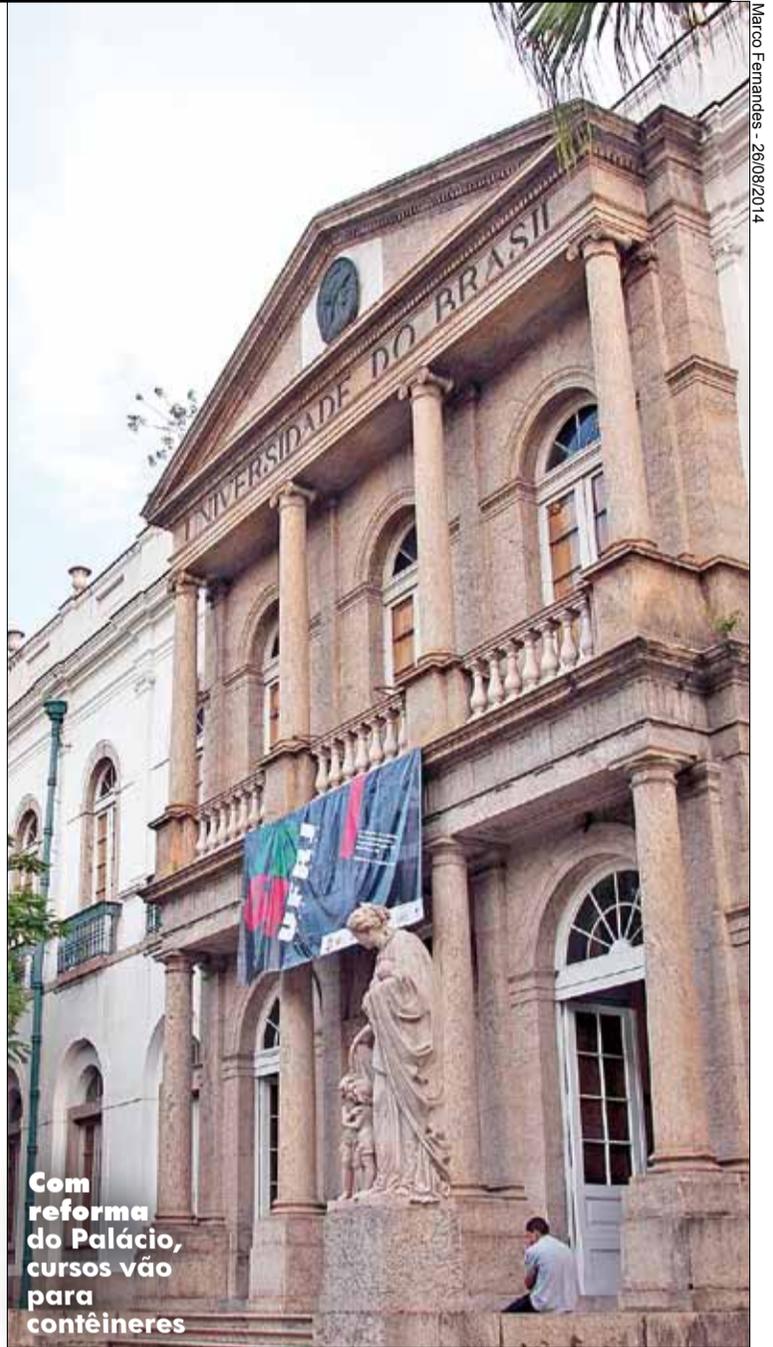
toda comunidade da Praia Vermelha foi indicado para esta semana, em data ainda indefinida. Nessa reunião, seria discutido o Plano Diretor para a Praia Vermelha a partir de planilhas, com prestação de contas do já realizado. E, de acordo com Agnaldo, do encontro poderia ser formada uma comissão dos três segmentos para acompanhar todo o processo.

## E agora?

Já na reunião do dia 15, perguntas sobre quando exatamente, em que condições e por quanto tempo as unidades deslocadas ficarão sem sede fixa não chegaram a ser esclarecidas.

Professores e estudantes questionaram a possibilidade de adaptação das atividades realizadas pela Escola de Comunicação à estrutura de contêineres. Como resposta, a administração disse “desconhecer atividades que não possam ser realizadas em módulos adaptados”.

Também foi pontuada a preocupação em relação a obras deste porte em meio à grave crise orçamentária em curso. “Na mesma região, já temos dezenas de centros culturais. Alguns até falindo... E com o custo de manutenção muito maior do que para uma escola, por exemplo. Ficamos em dúvida sobre a viabilidade de um projeto desse tipo”, questionou o estudante Pedro Paiva, da ECO.



Com reforma do Palácio, cursos vão para contêineres

## Reitor garante cursos na PV

No dia 17, o reitor Roberto Leher reuniu-se com o Comando Local de Greve dos docentes (leia mais na página 3). Ele afirmou que a permanência dos cursos da Praia Vermelha que não desejem migrar para o Fundão está “respaldada por decisão do Conselho Universitário”. Leher disse também que, em função da falta de prédios no Fundão, “mesmo que desejassem, seria irreal hoje a transferência de todos os cursos da PV para o campus da Cidade Universitária” em curto prazo.

# Universidade agora quer o ajustamento de conduta de todas as empresas terceirizadas junto ao MPT

Decisão ocorre após novo problema com pagamento de funcionários

**Samantha Su**

Estagiária e Redação

Pela segunda vez no ano, a UFRJ recorreu ao Ministério Público do Trabalho para regularizar o pagamento de servidores terceirizados. Em maio, a convocada a dar explicações ao MPT foi a Qualitécnica; agora, foi a vez da Higi Time (as duas são responsáveis por serviços de limpeza), que atrasou dois meses de salários. Segundo a universidade, os re-

passes à firma, que não comunica a razão da falta de pagamento aos funcionários, estão regulares.

No caso da Qualitécnica, foi firmado um termo de ajustamento de conduta (TAC), segundo o qual a empresa seria obrigada a pagar multa diária de R\$ 1 mil por cada funcionário com salário atrasado. Além disso, entre outras ações, o texto permitia que a universidade fizesse o pagamento diretamente aos servidores terceirizados.

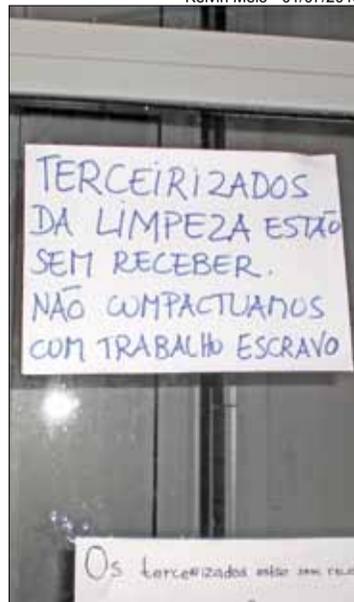
Porém, o novo descaso com estes trabalhadores, via Higi Time, inspirou a decisão de se fazer um termo de ajustamento de conduta para todos os contratos desta natureza: “Estamos acelerando o procedimento o

máximo possível. Fazendo isso com todas as empresas, podemos pagar diretamente aos terceirizados ou suspender o contrato quando isso ocorrer. Agora, legalmente, sem o TAC, não podemos fazer os repasses aos trabalhadores”, explicou Agnaldo Fernandes, chefe de gabinete da reitoria.

## ESS está em esquema de plantão

A Escola de Serviço Social, uma das unidades atendidas pela Higi Time, chegou a fechar as portas em 26 de junho por conta desta situação. Mas reabriu no último dia 10, em esquema de plantão. A decisão foi tomada após o depósito do salário do mês de maio aos servi-

Kelvin Melo - 01/07/2015



Cartaz na entrada da ESS

dores — o pagamento de junho permanece atrasado.

A unidade, que conta com seis trabalhadores da empresa, hoje funciona com o revezamento de apenas duas pessoas por dia. Segundo a diretora, Andréa Teixeira, a situação só não está pior porque a Escola está com os três setores em greve: “Estamos longe de estar em pleno funcionamento, mas como professores, técnicos e alunos estão em greve, reduzimos os horários em que eles (funcionários) necessitam trabalhar. Foram eles que sugeriram entrar em regime de plantão, mas, para nós, a situação é clara: se este mês ainda não forem pagos, voltaremos a fechar”, comunicou.

## PÁTRIA EDUCADORA?!

# Governo autoriza emissão de títulos da dívida em favor do Fies

É a segunda vez só este ano: em março, foram emitidos R\$ 376 milhões; agora, mais R\$ 1,4 bilhão

## Medida demonstra prioridade à educação privada

Pela segunda vez consecutiva no ano, o Tesouro Nacional passou a emitir títulos em favor do Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), que opera através do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). A autorização foi divulgada recentemente no Diário Oficial da União. Ao todo, foram emitidos títulos no valor de R\$ 1,441 bilhão, com vencimento em 2045.

Em março deste ano, o governo federal, através do Ministério da Fazenda, já havia emitido R\$ 376 milhões em

Certificados Financeiros do Tesouro, em favor do Fies.

Rodrigo Ávila, coordenador da Auditoria Cidadã da Dívida, aponta que a emissão de títulos está prevista na Lei 10.260/2001, sendo o Tesouro Nacional o responsável pela emissão destes papéis, que, posteriormente, é entregue ao Fies. Esse, por sua vez, entrega-os às mantenedoras das faculdades privadas.

“O Tesouro Nacional emite estes títulos, discriminando o quanto vale cada um deles, e qual o prazo do pagamento. Na realidade, funciona como um pagamento a prazo às faculdades privadas, como ressarcimento a elas pela concessão de financiamentos aos estudantes. Tais títulos têm juros equiva-

Em 2014, foram R\$ 12 bilhões para as privadas, um valor quase equivalente aos R\$ 13 bilhões para custeio de todas as lfe

lentes à inflação (IGPM-FGV) e, segundo a Lei 10.260/2001, a cada trimestre o FIES deve recomprar tais títulos das faculdades privadas, que assim recebem em dinheiro. As faculdades também podem usar tais títulos para pagar tributos”, explica Ávila.

O coordenador da Auditoria Cidadã da Dívida acredita também que “o problema principal dessa operação não é a questão dos títulos, mas sim, a priorização à educação privada. Em 2014, o governo federal destinou R\$ 12 bilhões para o Fies, um valor quase equivalente aos R\$ 13 bilhões destinados ao custeio de todas as universidades públicas federais”.

Olgaíses Maués, coordenadora do Grupo de Traba-

lho de Políticas Educacionais (GTPE) do Andes-SN ressalta que essa emissão de títulos “mostra o aprofundamento da privatização da educação. O governo tem avançado, cada vez mais, nessa questão, através do aumento do repasse de verbas públicas para as empresas privadas”.

“A verba para o Fies está à frente dos recursos para as instituições federais de ensino e para o pagamento de bolsas, por exemplo. Essa é uma demonstração clara da privatização. O maior grupo que mercantiliza a educação, Kroton & Anhanguera, tem 44% do seu orçamento advindos dos recursos do Fies”, ressalta Olgaíses. **(Fonte: Andes-SN. Edição: Adufrj-SSind)**

## Professores da EEI reagem a possível corte no Pibid

Em atividade de greve na Unidade, o principal programa de incentivo à docência (Pibid) foi debatido

Samantha Su  
Estagiária e Redação

A formação de professores na UFRJ foi o tema de uma atividade de greve realizada pela Escola de Educação Infantil, no último dia 15. E, neste contexto, ganhou destaque a possível interrupção do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), em função do ajuste fiscal do governo.

No fim de junho, um funcionário da Capes “vazou” a informação de que o órgão vinculado ao MEC sofreria um corte de R\$ 785 milhões. Entre as iniciativas sob responsabilidade da agência, o Pibid, que conta com 90 mil bolsistas em todo o país, estaria bastante ameaçado.

A professora da Faculdade de Educação, Daniela Guimarães,



Escola de Educação Infantil da UFRJ exige a permanência (e ampliação) do Pibid

apresentou o programa. “O objetivo é que os alunos tenham uma função operacional nas escolas. Diferente do estágio, eles não só observam e fazem um diagnóstico; há uma implementação coletiva, um registro e reflexão sobre teoria e prática. A formação de professores não passa apenas pela informação, mas a partir de experiências concretas”, sintetizou.

Na UFRJ, o programa cumpre não só um papel de forma-

ção, mas ajuda a propor novas políticas pedagógicas para a Escola de Educação Infantil. “Há uma indissociabilidade na formação entre o ensinar e o aprender. As bolsistas discutem a minha prática pedagógica e eu aprendo muito com elas também. O Pibid é a nossa oportunidade de discutir nossas práticas. Isso deveria ser comum nas escolas”, afirmou a supervisora do programa na Pedagogia da UFRJ, Priscila Basílio.

Além disso, para uma profissão desvalorizada no mercado de trabalho e sem muita oferta de estágios, a ajuda de custo (R\$ 400) do programa incentiva a carreira docente. “A bolsa do Pibid faz muita diferença no custeio dos livros e no incentivo à participação de congressos. É muito importante o apoio da Capes. Esse corte é reflexo do corte na educação do governo federal e é pauta da nossa greve”, completou Daniele Grazinoli, técni-

co-administrativa da EEI.

Em vez de uma possível redução, o programa, na avaliação dos bolsistas, deveria ser ampliado: “Nós temos poucas vagas para a dimensão que deveria ser dada ao projeto. São poucas as oportunidades como essa dentro da universidade e foi essencial na minha formação. A relação próxima com os professores, a troca e o retorno sobre o que aprendemos na teoria e o que isso significa na prática fez toda a diferença”, reiterou a bolsista Viviane Cajazeira, do curso de Pedagogia, durante a roda de conversa.

A atividade terminou com a manifestação de professores e alunos pela campanha “Fica, Pibid.” A professora Fabiana Martin reiterou a importância de fortalecer a greve agora: “Essa é uma atividade de greve e nos faz pensar também o papel formativo que a greve tem. Aproveitar o momento difícil politicamente, mas que é o único que nos possibilita nos unirmos para falar sobre algo maior e necessário, que é a educação”.

VIDA DE PROFESSOR

Diego Novaes



## GREVE 2015

Macarena Lobos - 16/07/2015



Protesto contra o corte de verbas na Educação tomou a Cinelândia

# UFRJ mostra sua FORÇA

**Ato foi organizado pelas categorias em greve: docentes, alunos e técnicos**

**Silvana Sá**

silvana@adufrj.org.br

A greve na UFRJ deu uma mostra de sua força e diversidade no ato realizado na Cinelândia, em 16 de julho. Ao longo de todo o dia, diversas ações relacionadas a várias áreas do saber aconteceram na praça com o objetivo de envolver a população na defesa da universidade pública. A iniciativa demonstrou como a educação superior pública é

valorizada pela sociedade, que aderiu às atividades.

Organizada pelos segmentos em greve da instituição, a “UFRJ na Praça contra os cortes no orçamento” deixou a Cinelândia mais colorida. Escola de Educação Infantil, Instituto de História, Instituto de Nutrição, Colégio de Aplicação, NEPP-DH, EBA, EEFD, ECO, ESS, Escola Politécnica, Faculdade de Educação, FACC, Faculdade de Letras e FND marcaram presença e envolveram-se na organização de aulas públicas, oficinas, exibição de filmes seguida de debates, leitura de poemas, entre outras tantas atividades.

Em uma tenda, por exemplo, havia informações sobre o

**Atividade na Cinelândia dialogou com a população sobre o impacto dos cortes no orçamento da educação pública. Professores e estudantes de diferentes unidades deixaram a praça, no Centro do Rio, mais colorida**

percentual de agrotóxicos que ingerimos em verduras, frutas e legumes. No “microcone poético”, um cone indicador de obras associado a um microfone, professores e estudantes leram poesias na praça. Em determinado momento, a Companhia Folclórica do Rio encheu o lugar de movimento com uma enorme ciranda.

Temas como a dívida pública, previdência social, impactos da ditadura-empresarial militar, ajuste fiscal, literatura, a política de esportes no Rio de Janeiro, e muitos outros, foram discutidos. Um varal com histórias de greves dos trabalhadores foi montado.

Crianças participaram de oficinas de contação de histórias, pintura, painéis, dança

e da atividade chamada “Pé de livro”, “árvore” na qual foram pendurados diversos títulos para leitura livre.

Cláudio Ribeiro, presidente da Adufrj-SSind, comemorou a realização da “UFRJ na Praça”: “É fundamental esse diálogo para fora da universidade e isto ocorreu aqui. O ato foi construído conjuntamente, com todos os segmentos de greve da universidade unificados num Comando Geral de Greve. Conseguimos cumprir a função de dialogar com a sociedade em defesa da universidade pública e fazê-la entender sua importância. Pudemos demonstrar a diversidade da UFRJ, com atividades para crianças, adolescentes e adultos”, afirmou.

## O “enlatado” do ministro

Professores e estudantes da Escola de Belas Artes realizaram oficina de pintura de painel de chão. O painel foi uma forma crítica e artística de o movimento docente responder a uma recente declaração do ministro da Educação, Renato Janine, elogiosa ao modelo estadunidense de ensino (e que deveria, segundo ele, ser copiado pelo Brasil). A imagem que produziram e pintaram é uma lata de “sopa de educação”, em referência à tradicional sopa americana Campbell’s. Na Cinelândia, a “marca” da sopa virou Janine’s. Uma semana antes, a EBA havia pintado o painel “A Greve é o Nosso Grito”, tomando como base o famoso quadro “O Grito”, de Edvard Munch.

## Ato-show da educação federal ocorreu em seguida

Fotos: Samuel Tosta - 16/07/2015



**Luis Acosta**

Em seguida ao “UFRJ na Praça”, a Cinelândia foi tomada pelos segmentos em greve da UFRJ e da UFF. O ato foi organizado pela Regional Rio de Janeiro do Andes-SN. Também como forma de envolver a população, as apresentações (foto à direita) aconteceram no chão, sem nenhum palco. Luis Acosta, 1º vice-presidente da Regional Rio, afirmou que a greve é necessária porque este é o momento de defender a educação pública. “Os cortes afetam os serviços prestados à população. Estamos juntos também do conjunto dos servidores federais, em defesa de melhores condições de trabalho, salário e carreira”.





Samuel Tosta - 19/06/2015



Samuel Tosta - 02/07/2015



**DOIS AMBIENTES.** Acima, o Leopoldo Miguez. A última assembleia foi no hall do prédio da reitoria.

## Cenários diferentes

Da Redação

As duas últimas assembleias convocadas pela Adufrj-SSind no curso da construção da greve atraíram quase mil professores. Mas, para além da indiscutível relevância política dessas reuniões, há uma característica peculiar: a opção do Comando de Greve por cenários diferentes.

A assembleia que decidiu pela greve na sexta-feira de 19 de junho abrigou-se no Salão Leopoldo Miguez, na Escola de Música (EM). O encontro seguinte deu-se no hall

do prédio da reitoria, construído para receber a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU).

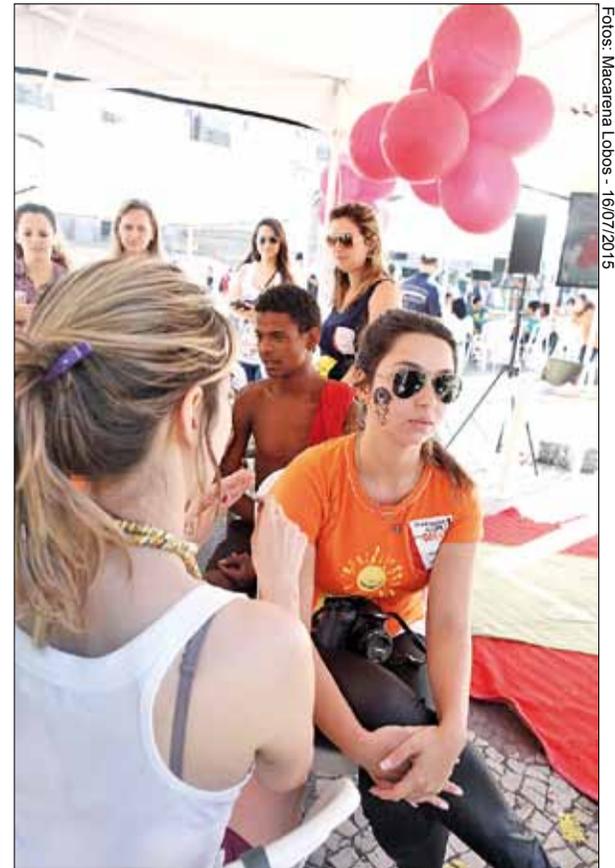
O Salão Leopoldo Miguez é uma preciosidade arquitetônica erguido para concertos e que, dizem os especialistas, é dono de uma acústica incomparável. Guarda painéis de Antônio Parreiras (1860-1937) e afrescos do pintor Carlos Oswald.

Os docentes que ocuparam o hall da reitoria para a assembleia de 2 de julho estavam no interior de um projeto do arquiteto Jorge Moreira premiado na IV Bienal de São

Paulo, em 1957.

Os dois cenários estão castigados por falta de manutenção adequada. Simbolizam o estrangulamento financeiro que asfixia a universidade pública e a UFRJ, em particular.

Há intenção deliberada de se escolher cenários variados para as assembleias de greve, explica o presidente da Adufrj-SSind, professor da FAU. Cláudio Ribeiro diz que é um caminho para ampliar o posto de observação dos docentes para a UFRJ e seu conjunto.



Fotos: Macarena Lobos - 16/07/2015

**SOB TENDAS.** Debates em plena Cinelândia agitaram a ocupação da praça que teve balões e múltiplas atividades com muita criatividade

# UFRJ abraça a Cinelândia com arte e política

## UFRJ leva à praça cores, formas e conteúdo para defender a universidade pública

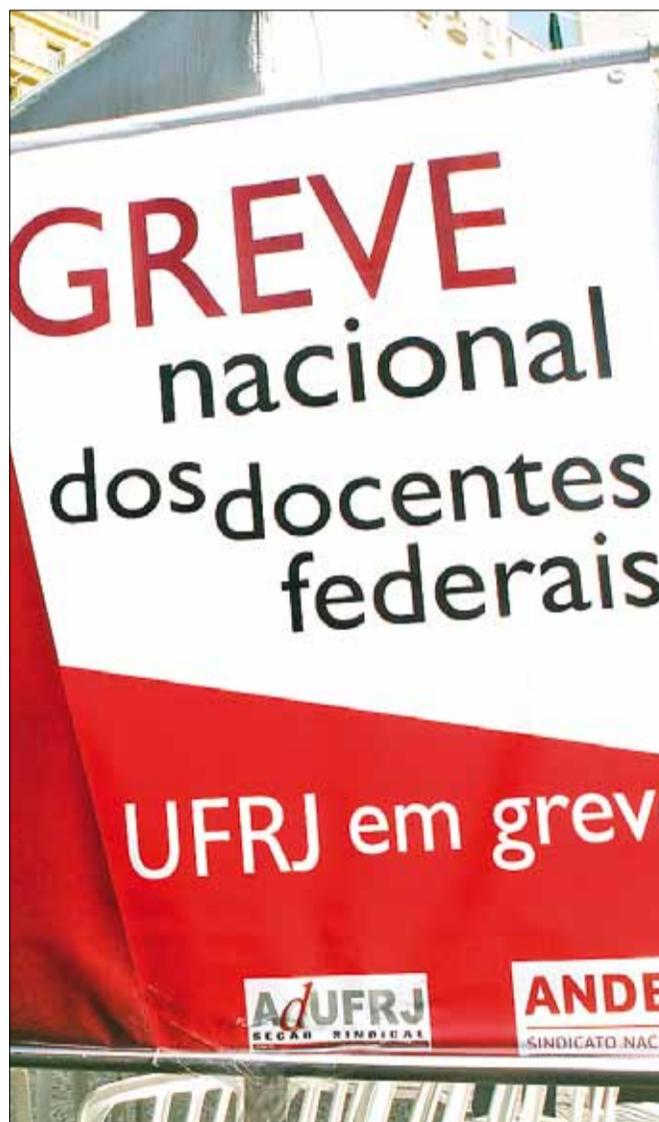
A paisagem da Cinelândia foi transformada na tarde/noite de quinta-feira, 16 de julho. A praça foi envolvida por uma avalanche criativa. O caleidoscópio misturava personagens, linguagens, aulas públicas, narração de contos, palestras, oficinas de dança, aulas públicas em frenética coreografia. Filmes, saraus de poesia, instalações, painéis, bordados excitavam a atmosfera na qual a linha tênue que separa a arte da política deixou de existir. A Cinelândia, como se sabe, é um centro histórico de manifestações políticas da cidade do Rio de Janeiro. Foi o ambiente mais adequado escolhido pelos grevistas da UFRJ para sua mensagem na defesa da universidade pública **(veja matéria na página 8)**.



**BAILANDO.** A dança ao ar livre na praça foi um momento de celebração entre pessoas que foram às ruas defender a educação pública



**TODAS AS FRENTEs.** Terceirização, orientação sobre educação alimentar e o cartaz da greve. A coreografia multidisciplinar da ocupação



**SUCESsO.**

As aulas públicas na tarde de quinta-feira na Cinelândia foram destaque no dia de luta contra os cortes na educação





# Mafalda e o megacone... ou será o megafone?!



Da Redação

Mafalda, criação do artista argentino Quino, a menina mais mordaz e inquieta do mundo dos quadrinhos, foi o personagem escolhido, ao lado de um cone, para compor a identidade visual da greve dos docentes da UFRJ.

Martha Werneck e Licius Bossolan, professores da Escola de Belas Artes (EBA), são os autores dos desenhos, ilustrações e quadrinhos que conferem colorido irreverente à luta dos professores em defesa da universidade pública.

“A Mafalda foi utilizada na greve de 2012

pelos estudantes da UFRJ no movimento Ocupância”, explica Martha. “E nós nos apropriamos desse uso porque é um personagem extremamente crítico, inteligente e sarcástico”.

Licius diz que o cone vem complementar a articulação visual. Na concepção dos dois artistas, dentro da proposta de ressignificação, o cone, em determinado momento, vira um megafone: “Ou um megacone que a Mafalda vai conduzir”.

A estudante Giulia Panno, que fez parte da Ocupância em 2012, produziu, ainda, para esta greve de 2015 uma série de três Mafaldas.



Fotos: Marco Fernandes



Licius Bossolan



Martha Werneck